Referência: GOMES, Christianne. Mapeamento histórico do lazer na América Latina: Em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In: ISAYAMA, Hélder F.; SILVA, Silvio R. (Org.). **Estudos do Lazer: um panorama**. Belo Horizonte: CELAR/UFMG, 2011. P.145-164.

MAPEAMENTO HISTÓRICO DO LAZER NA AMÉRICA LATINA: EM BUSCA DE NOVAS ABORDAGENS PARA OS ESTUDOS SOBRE O TEMA[1]

Christianne Gomes[2]

Este texto tem como objetivo apresentar alguns dados sobre o lazer na América Latina através de um mapeamento histórico sobre este fenômeno enquanto uma dimensão constitutiva da cultura em distintos tempos e espaços sociais. Com este mapeamento, espera-se contribuir para ampliar a reflexão crítica sobre a temática do lazer considerando, especialmente, as peculiaridades do contexto latino-americano.

Contextualização do lazer na América Latina

Este texto inicia-se com algumas indagações: Quais referências devem ser tomadas como ponto de partida para contextualizar, historicamente, o lazer na América Latina? Seriam as influências greco-romanas da antiguidade, que marcaram a constituição do mundo Ocidental? Ou seriam os processos que definiram a ocorrência da modernidade, como a industrialização e a urbanização?

Desde o século XX, estas duas referências distintas geram polêmicas quando se busca fazer uma contextualização histórica do lazer. Em geral, elas são amplamente utilizadas nas teorias sobre o lazer que orientam e fundamentam as análises sobre esta temática que são empreendidas em vários países, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, exercendo influências significativas sobre os estudos latino-americanos. Não é novidade destacar que alguns autores, como o norte-americano Sebastian De Grazia (1966), consideram que as raízes do lazer remontam às fases antigas da história, sendo notórias as influências greco-romanas, assim como as medievais, seguidas das transformações processadas na chamada modernidade europeia. Outros autores, como o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1976, 1979), entendem que o lazer é um fenômeno moderno, gerado nos principais centros urbanos da Europa em decorrência da revolução industrial.

Na América Latina, em geral, os estudos sobre o lazer são baseados em uma dessas duas perspectivas. Apesar de adotarem pontos de vista diferentes e divergentes, ambas as interpretações analisam o lazer enquanto um fenômeno que está em contraposição ao trabalho. Embora a articulação do lazer com o trabalho seja interessante e importante, notadamente nos dias atuais, esta não é a única abordagem possível para se discutir, estudar e pesquisar o lazer.

Além disso, embora sejam dotadas de lógicas próprias, essas perspectivas dizem respeito a realidades específicas e, por este motivo, não devem ser generalizadas como se fossem universais. Tais referências podem ser pertinentes quando se trata da Europa, por exemplo, mas são inadequadas e insuficientes para tratar o lazer na América Latina. Esta região possui singularidades que a distinguem da Europa e de outros continentes, tendo suas próprias especificidades históricas, culturais, sociais, pedagógicas, políticas, econômicas, étnicas e ambientais, entre outras. Tudo isso instiga a elaboração de novas interpretações, abordagens, reflexões e a sistematização de saberes teórico-práticos que sejam capazes de dialogar criticamente com as realidades latino-americanas.

---

[1] Este texto foi elaborado a partir da palestra sobre o tema *O lazer e a vida através dos tempos na América Latina*, proferida na sessão presidencial II do Comitê Científico "Sociologia do Lazer", que integrou o XVII Congresso Mundial de Sociologia – ISA, realizado em Gotemburgo, Suécia, no período de 11 a 17 de julho de 2010.

[2] Pós-doutoranda em Ciências Políticas e Sociais na *Universidad Nacional de Cuyo*, Mendoza, Argentina; Doutora em Educação. Docente dos cursos de Graduação (em Educação Física e em Turismo) e do Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa OTIUM – Lazer, Brasil & América Latina. E-mail: chrislucegomes@gmail.com

Cabe destacar que as duas referências anteriormente destacadas reforçam o mito da centralidade da Europa como lócus privilegiado para a constituição do mundo, sobretudo ocidental. Como afirma Dussel (2000), o pensamento de que o ocidente é o resultado da sequência helenístico+romano+cristão, apesar de estar amplamente difundido e naturalizado entre nós, é um equívoco. Trata-se de uma invenção ideológica que rapta a cultura grega como se ela fosse exclusivamente "europeia" e "ocidental". [3] Assim, ambas as abordagens teóricas utilizadas para contextualizar a ocorrência histórica do lazer reforçam o mito de que existe uma história única e universal. Reforçam, ainda, o paradigma de que a modernidade, compreendida como fase histórica, dependeu unicamente da Europa para ser constituída, pois, estabelece e reconhece apenas fenômenos intra-europeus (dentre os quais a reforma, a ilustração e a revolução industrial) como ponto de partida para a constituição da chamada era moderna.

É importante lembrar que, de acordo com uma classificação elaborada por Munné (1980), é possível identificar três abordagens na produção teórica sobre o lazer: a *abordagem empírica*, de tradição norte-americana, a *abordagem teórica*, que inclui teorias produzidas, sobretudo, por estudiosos europeus e norte-americanos, e a *abordagem crítica*, relacionada principalmente com os autores vinculados a Escola de Frankfurt. O autor classifica todas essas abordagens como burguesas e propõe, como alternativa, uma *abordagem dialética*, baseada principalmente nas ideias de Marx.

Como pontuam Elizalde e Gomes (2010), sem duvida o esforço do autor apresenta aportes interessantes para os estudos sobre o lazer, mas, indiretamente, coloca Europa e Estados Unidos como centro de produção de conhecimentos sobre este tema. Deste ponto de vista, corre-se o risco de que ao resto do mundo, incluída a América Latina, caberia apenas reproduzir as teorias geradas em outros contextos. Obviamente, muitos conhecimentos produzidos em distintos países podem ser úteis para a reflexão sobre o lazer em nossas realidades. Mas os conceitos não devem ser incorporados sem um posicionamento crítico, evitando assim a perpetuação das redes invisíveis de dominação que geram a *colonialidade do poder* e a *colonialidade do saber*, dois dispositivos fundamentados nos mesmos princípios.

Como observam diversos autores latino-americanos (QUIJANO, 2000; MIGNOLO, 2000; DUSSEL, 2000, LANDER, 2000), não se pode falar de modernidade sem considerar as relações de poder constituídas por meio da *colonialidade*. Esta é a "face oculta", o "outro lado" silenciado e encoberto da modernidade e também da pós-modernidade. Sobre este aspecto, é importante relembrar as palavras de Mignolo (2000, p.7): "O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias (...)."

Neste sentido, é urgente problematizar e rever as interpretações que excluem a decisiva participação de outras realidades além dos países do "Norte" em um jogo de poder que envolve, de maneira desigual, vários elementos, dentre os quais os povos e culturas de outros continentes, como da América Latina, da África e da Ásia. Certamente, a conquista do oceano Atlântico e o desenvolvimento do capitalismo mercantil permitiram aos países colonizadores e imperialistas acumular uma extraordinária riqueza monetária. Esses fatores possibilitaram as condições históricas, sociais e econômicas fundamentais para a consolidação do capitalismo, para o avanço industrial, para a intensificação da urbanização e para a crença na ideologia do progresso como caminho único para o desenvolvimento, mesmo que um suposto desenvolvimento signifique, no fundo, a falência social e a destruição ambiental de nosso planeta (GOMES, 2010a).

Assim, os conceitos e teorias elaborados por autores de outros contextos e épocas podem ser interessantes quando representam um ponto de partida para novas leituras, interpretações e resignificações contextualizadas e críticas. Desta forma, os saberes sistematizados tanto na América Latina, como em outras realidades, necessitam de diálogos mais profundos e críticos com os desafios sociais, políticos, históricos e econômicos e ambientais, entre outros, presentes em cada cultura e em cada sociedade (ELIZALDE, GOMES, 2010).

[3] É preciso repensar também a interpretação que destaca a importância fundamental da sociedade "greco-romana" para a constituição dos ditos saberes ocidentais, o que me instiga a rever meus próprios trabalhos anteriores como condição ao exercício de auto-crítica. Mesmo que seja a partir de outros parâmetros, muitos deles também reforçaram a visão eurocêntrica.

Considero imprescindível observar os aspectos destacados anteriormente como eixo orientador de um mapeamento histórico sobre o lazer na América Latina. Antes de apresentar alguns de seus aspectos mais expressivos, penso ser fundamental explicitar a concepção de lazer que orienta minhas análises, pesquisas e vivências neste campo. Meus entendimentos mais recentes sobre o lazer decorrem, sobretudo, de minhas reflexões sobre as realidades brasileiras e latino-americanas junto ao Grupo de pesquisa Otium – Lazer, Brasil & América Latina.

Compreensão do lazer pela perspectiva da cultura

O lazer é aqui compreendido como uma dimensão da cultura. Neste sentido, o lazer é caracterizado pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. Constituído conforme as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido, o lazer implica "produção" de cultura — no sentido da reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos, sociedades e instituições. Essas ações são construídas em um tempo/espaço social, dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade e nos permitem ressignificar, simbólica e continuamente, a cultura (GOMES, 2008, 2010a, 2010b).

É importante esclarecer que a ludicidade refere-se à capacidade do *homo ludens* – em sua essência cultural que brinca e joga – de elaborar, apreender e expressar significados. Neste processo de enunciação e atividade constitutiva (BAKHTIN, 1992), a ludicidade é construída culturalmente e cerceada por vários fatores, tais como normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência. Reflete, assim, as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em cada sociedade. Contudo, enquanto a ludicidade representa apenas uma possibilidade para os mais distintos campos da vida social – o campo da política, da educação, da ciência, da religião e do trabalho, entre outros –, é uma condição *sine qua non* para a concretização do lazer. Deste ponto de vista, a ludicidade é a "essência" do lazer, aquilo que confere sentido às experiências culturais desfrutadas pelos sujeitos em distintos contextos de práticas sociais. Por isso, elas não são lúdicas por si mesmas: são construídas na interação do sujeito com a experiência vivida (GOMES, 2004).

As manifestações culturais que constituem o lazer são práticas sociais vivenciadas como desfrute e como fruição da cultura, tais como a festa, a dança, o jogo, a brincadeira, o teatro, a música, a pintura, o desenho, a escultura, o artesanato, a literatura, a poesia, o espetáculo, o passeio, a viagem e as diversas práticas corporais, entre incontáveis possibilidades. Essas e outras manifestações detêm significados singulares os sujeitos que as vivenciam ludicamente em um determinado tempo/espaço social. As manifestações culturais vivenciadas ludicamente são, assim, práticas imemoráveis na cultura de cada povo e podem assumir múltiplos significados: ao serem concretizadas em um determinado tempo/espaço social, ao dialogarem com um determinado contexto e, também, ao assumirem um papel peculiar para os sujeitos, para os grupos sociais, para as instituições e para a sociedade que as vivenciam histórica, social e culturalmente.

É nessa perspectiva que a dimensão tempo é inseparável da dimensão espacial, e vice-versa, constituindo um "tempo/espaço social". Tal compreensão salienta a relevância de problematizar as representações abstratas das categorias tempo e espaço. Santos (1980, p.206) destaca que não é possível definir os acontecimentos históricos e espaciais "fora de suas próprias determinações ou sem levar em conta a totalidade da qual eles emanam e que eles reproduzem. O espaço social não pode ser explicado sem o tempo social", conclui o autor. O tempo/espaço social é produzido, portanto, como condição de possibilidade das relações sociais e da natureza, através da qual a sociedade, ao mesmo tempo em que produz a si mesma, transforma a natureza e dela se apropria (LEFEBVRE, 2008), ou melhor, com ela interage. Assim sendo, o tempo/espaço é um produto das relações sociais e da natureza e constitui-se por aspectos objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, evidenciando conflitos, contradições e relações de poder.

Visto por esta perspectiva, é pertinente tratar do lazer nos distintos tempos/espaços sociais da região hoje denominada América Latina, inclusive naqueles considerados impróprios para a ocorrência do lazer, como a fase "pré-colombiana", que antecede a chegada dos colonizadores europeus na América. Os povos e civilizações que viveram neste tempo/espaço social – como as civilizações maias, astecas e incas, entre incontáveis outros povos e grupos culturais distribuídos por toda a América – desfrutaram de suas culturas por meio da vivência lúdica de várias manifestações culturais.

O lazer na América Latina antes de 1492

Encontramos muitas dificuldades para retomar o tempo/espaço que precede o ano de 1492 na região hoje denominada de América Latina. As pesquisas sobre as práticas culturais dos povos nativos desta época são pouco conhecidas e estes saberes são de difícil acesso, até mesmo nos dias atuais. Os conhecimentos decorrentes das pesquisas arqueológicas, antropológicas e históricas, por exemplo, podem ser muito interessantes, mas, salvo raras exceções, são pouco considerados nos estudos sobre o lazer em diversos países do mundo. Além disso, a maioria dos pesquisadores e profissionais envolvidos com a temática do lazer na América Latina tem formação em educação física e, em geral, fundamentam seus estudos nesta área. Apesar de a educação física ser uma área tradicionalmente envolvida com a produção de conhecimentos sobre o lazer nesta região, observa-se que a pedagogia e a psicologia (no caso da recreação) e a sociologia (no que se refere ao lazer) são algumas das disciplinas que colaboram com os estudos sobre essas duas temáticas, que quase sempre estão submersas em uma preocupante confusão conceitual (ELIZALDE, GOMES, 2010).

Retomando a fase pré-colombiana, muitas manifestações culturais vivenciadas ludicamente pelos maias, possivelmente, foram por eles mencionadas nos registros escritos por eles produzidos no decorrer de aproximadamente oito séculos. Entretanto, como lamenta Galeano (2006), sob o "fogo da inquisição", no ano de 1562 todo este acervo foi transformado em cinzas pelo Frei Diego de Landa.

Muitos consideram que as culturas dos povos nativos que habitavam o continente americano eram atrasadas e pouco evoluídas, o que acabou naturalizando diversas formas de dominação e exclusão. Não é isso que o legado construído pelos maias, pelos astecas e pelos incas, entre outras culturas nativas, nos mostra. Muitas de suas grandezas podem ser visualizadas nas heranças por eles deixadas na região latino-americana: objetos de arte, arquitetura, monumentos religiosos, invenções técnicas, canais de irrigação e cultivos agrícolas, conhecimentos matemáticos, de medicina e de astronomia. Os indícios da presença dessas culturas também podem ser encontrados em pinturas, festividades, danças, ritmos, cantos, músicas e diversos instrumentos musicais que não sucumbiram com as suas sociedades e, por isso, vêm permanecendo com passar dos tempos. Estas e outras práticas culturais construídas pelos nativos que ocupavam a região constituem um importante legado, não apenas para seus descendentes latino-americanos, mas, para todo o mundo.

Obviamente, nenhuma das culturas nativas conhecia a bússola, o vidro ou a pólvora, ficando assombradas com essas e outras invenções que foram, em parte, responsáveis pela sua subjugação e aniquilação. Quando os espanhóis chegaram à América o império teocrático dos incas estava em seu apogeu, estendendo seu poder sobre o que hoje constitui o Peru, a Bolívia e o Equador, abarcando parte da Colombia e do Chile, o norte argentino e a selva do Brasil. Enquanto os maias alcançavam Yucatán e toda a América Central, os astecas tinham conquistado completamente a região mexicana. A capital dos astecas (Tenochtitlán) era cinco vezes maior que Madri e tinha o dobro da população de Sevilha, a maior das cidades espanholas da época. Mas as armas de pedra e de madeira eram ineficazes e incapazes de garantir a proteção dos povos nativos contra as armas de fogo dos conquistadores (GALEANO, 2009).

Cerca de 70-90 milhões de indígenas viviam na América "pré-colombiana". Porém, segundo Ribeiro (1972), mais da metade desta população morreu logo no primeiro contato com os colonizadores. Um século e meio depois da chegada de Colombo, os ameríndios foram reduzidos a 3,5 milhões devido a vários motivos: batalhas com os conquistadores, óbitos provocados pelas doenças trazidas pelos europeus e condições de trabalho servil e desumano.

América Latina: Um mosaico formado pela mistura de várias etnias e culturas

Quando os colonizadores espanhóis e portugueses (assim como os ingleses, os holandeses e os franceses, entre outros), chegaram à América e tiveram contato com as culturas nativas, tiveram um "choque cultural". Afinal, as práticas culturais dos ameríndios eram extremamente distintas daquelas valorizadas pelos colonizadores. Para ilustrar este aspecto recorrermos aos estudos de Medeiros (1975), que apresenta alguns dados sobre as manifestações culturais de lazer dos indígenas brasileiros. Segundo a autora, as danças eram muito apreciadas, sendo comuns aquelas que imitavam animais e totens. Havia ainda as danças que celebravam os principais acontecimentos da vida – nascimento, morte, partida para a caça, colheita, etc.

Muitas danças eram adornadas com o uso de máscaras, ressaltando o sentido religioso dessas manifestações. Comumente, o corpo era pintado com tintas coloridas, feitas de frutos. O compasso rítmico era marcado por tambores, maracás, bastões e guizos pendurados aos colares ou outras partes do corpo. De modo geral, eram feitas ao redor de um círculo, podiam ser acompanhadas pela ingestão de bebidas alcoólicas e durar vários dias.

Medeiros (1975, 14-15), baseada principalmente nos registros de Jean de Léry datados de 1611, em decorrência de uma viagem ao Brasil na qual ele teve a oportunidade de conhecer algumas práticas culturais dos indígenas, esclarece o seguinte:

> "Fossem rituais ou guerreiras, as suas festas eram ruidosas, incluindo sempre canto e dança. A Jean de Léry agradou a música com que auxiliavam a magia e cultuavam os deuses, sendo ele o primeiro a registrá-la. Após uma festa religiosa, anotou no seu diário de viagem: 'Ora, estas cerimônias tendo assim durado cerca de duas horas, aqueles 500 ou 600 selvagens continuando sempre a dançar e cantar, surgiu uma tal melodia que, embora eles não soubessem o que é a arte da música, os que não os ouviram estariam a crer que se harmonizassem tão bem."

Manifestações culturais como essas foram – e continuam sendo, porque incontáveis povos indígenas ainda podem ser encontrados em alguns países latino-americanos – consideradas inferiores, bárbaras, selvagens, primitivas e atrasadas em contraposição/comparação com as práticas culturais dos europeus, estas sim tidas como modernas, avançadas, válidas, legítimas e universais. São, assim, classificadas como expressão de um passado tradicional que necessita ser superado por meio de um percurso linear que, supostamente, poderia conduzir a um estágio mais elevado, moderno e desenvolvido. Entretanto, Lander (2000, p.8) adverte: Ao caracterizar "as expressões culturais como 'tradicionais' ou 'não modernas', como em processo de transição em direção à modernidade, nega-se-lhes toda possibilidade de lógicas culturais ou cosmovisões próprias. Ao colocá-las como expressão do passado, nega-se sua contemporaneidade."

Não se trata, aqui, de idealizar as práticas socioculturais dos indígenas nativos da América. Mas, ressaltar que este encontro/confronto com os colonizadores foi uma via de mão única e, a partir dele, foi introduzida nas terras americanas uma multiplicidade de práticas culturais típicas dos países europeus, geralmente revestidas de uma moral católica, que passaram a integrar o lazer pensado, vivido e valorizado pelas elites coloniais.

É essencial salientar que, junto com os ameríndios e os europeus, milhões de africanos traficados como escravos foram trazidos nesta condição para a América, a partir do século XVI, para substituir a mão de obra indígena, que era cada vez mais escassa. Com a chegada dos africanos, diversas manifestações culturais típicas da África também foram difundidas e incorporadas às culturas nativas da região latino-americana, que passou a acolher uma grande variedade de manifestações culturais de origens diversas.

> "Assim, ganhamos o ritmo marcante do canto negro (de trabalho, feitiçaria e acalanto), das danças africanas (cateretê, lundu, candomblé, batuque, samba, coco) e dos seus bailados dramáticos (congos, maracatus, cucumbis [congadas]). Até hoje os instrumentos africanos (atabaques, agogôs, puítas, berimbaus, marimbas) enriquecem o nosso folclore e subsistem várias das suas cerimônias entre nós, numa influência duradoura." (MEDEIROS, 1975, p.15)

Brasil, Cuba, Haiti e Jamaica, entre outros, constituíram o principal mercado de africanos traficados como escravos para o trabalho nas lavouras de açúcar, café, cacau, algodão, tabaco e frutas, entre outros gêneros agrícolas, e também nas minas de ouro, prata e pedras preciosas que abundavam nas colônias latino-americanas. Reno (1965) também ressalta a singularidade e a diversidade das danças e cerimônias desenvolvidas pelos africanos e seus descendentes, muitas delas celebradas ao som de tambores e outros instrumentos musicais trazidos da África, entoados ao som das línguas africanas nativas. A capoeira, entre outras práticas culturais, continua sendo muito difundida em várias cidades brasileiras. É comum encontrar rodas de capoeira em quase todo o Brasil. Nas rodas de capoeira, os participantes marcam o ritmo da "ginga" com palmas, cantos e instrumentos musicais, tais como o "berimbau", o "atabaque" e o "pandeiro".

Obviamente, desde aquela época, os segmentos privilegiados procuram desenvolver, no contexto latino-americano, as mesmas práticas de lazer vivenciadas e valorizadas nas antigas metrópoles europeias.

Por este motivo, desde o despontar do século XVI, é muito mais fácil encontrar estudos e pesquisas que fazem menção às práticas de lazer vivenciadas pelas elites coloniais latino-americanas, do que pelos ameríndios ou pelos africanos escravizados. Os países europeus (principalmente Espanha e Portugal) e os modos de vida nele valorizados constituíram, assim, uma importante referência para os segmentos hegemônicos que se estabeleceram nas colônias americanas desde o início do processo de colonização/catequização dos nativos "pagãos". Certamente, isso também acabou influenciando o lazer na América Latina.

O lazer das elites coloniais como modelo a ser seguido

É relevante destacar que os primeiros tempos de colonização foram marcados pelo apogeu de Potosí, cidade onde abundavam minas de prata e outras riquezas. Algumas vivências de lazer das elites de Potosí foram registradas por diversos autores, tais como Gustavo Adolfo Otero, Vicente G. Quesada e Pedro Vicente Cañete e Dominguez, como indicam as pesquisas de Galeano (2009). Sucre, cidade fundada em 1538 com o nome de Vila da Prata, também desfrutou consideravelmente a riqueza gerada pela exploração da prata. Nela, foi instalada uma corte faustosa e, ao lado das igrejas e casarões, foram construídos parques e quintas de recreio. As suntuosas festas da corte e os banquetes eram famosos nestas cidades. As missas espetaculares e outras festividades religiosas indicam a força da igreja católica na região latino-americana desde os primeiros momentos da colonização.

> "No começo do século XVII, a cidade de Potosí já contava com 36 igrejas esplendidamente ornamentadas, 36 casas de jogo e 14 escolas de danças. Os salões, teatros e tablados para as festas ostentavam riquíssimos tapetes, cortinas, brasões e obras de ourivesaria [...]. Às touradas seguiam-se os jogos de argolinha e nunca faltavam os duelos no estilo medieval, rixas de amor e de orgulho, com elmos de ferro incrustados de esmeraldas e vistosas plumagens, arreios e estribos de filigrana de ouro, espadas de Toledo e cavalos chilenos paramentados com todo o luxo. Em 1579, queixava-se o ouvidor Matienzo: 'Nunca faltam – dizia – novidades, safadezas e atrevimentos.' Por essa época, havia em Potosí 800 jogadores profissionais e 120 prostitutas célebres, a cujos resplandecentes salões acorriam os mineiros ricos. Em 1608, a cidade festejava as festas do Santíssimo Sacramento com seis dias de comédias e seis noites de festas de máscaras, oito dias de touradas e três de saraus, dois de torneios, além de outras festas." (GALEANO, 2009, p. 39-40)

Como pode ser verificado na citação anterior, as elites coloniais ostentavam práticas de lazer que refletiam os valores e o modo de vida europeu vigente naquele tempo/espaço social. Contudo, três séculos depois que as primeiras minas de Potosí foram descobertas a prata e o estanho se esgotaram. Foi, consequentemente, inaugurada uma fase de decadência e pobreza que atingiu a todos que ali viviam e ainda vivem, pois, hoje, a miséria é uma das marcas desta cidade boliviana que já foi riquíssima em outras épocas. Ocorreu o mesmo em Sucre e em Cuzco, a antiga capital dos incas, assim como nas cidades mexicanas de Guanajuato e Zacatecas que, em seus momentos de esplendor, contava com jardins semelhantes aos da Babilônia, templos monumentais, teatro, praça de touros e arenas de rixas de galos. A arquitetura magistral dos edifícios públicos e privados, o ar da sociedade e as práticas realizadas pelas elites contrastavam substancialmente com a nudez, a ignorância e a rusticidade da população indígena mexicana (HUMBOLDT, 1966).

Como havia ocorrido em Potosí, a antiga Vila Rica (atual cidade mineira de Ouro Preto), passou a gozar de riqueza súbita no final do século XVII. Augusto de Lima Júnior (1957) esclarece que a descoberta de ouro levou multidões a Minas Gerais, especialmente à Vila Rica, onde as procissões católicas e os espetáculos passaram a ser cada vez mais comuns. Práticas como estas eram cada vez mais frequentes no Brasil e evidenciam como o lazer se articulava a distintas manifestações da religiosidade católica, envolvendo diferentes segmentos sociais. Ainda hoje, na cidade de Pirenópolis, localizada no Estado de Goiás (próxima de Brasília, capital do Brasil), há muitos anos são realizadas, anualmente, grandes festas folclóricas, como a "cavalhada". De origem portuguesa, esta manifestação cultural celebra a vitória dos cristãos sobre os mouros no século VIII. Manifestações culturais como esta foram introduzidas em vários outros países latino-americanos principalmente por sacerdotes da igreja católica, numa tentativa de valorizar o sagrado em detrimento do profano. Este objetivo, contudo, nem sempre era alcançado.

Na antiga Vila Rica colonial, e também nos dias atuais, as procissões eram feitas a pé, a cavalo ou em triunfais carros cobertos de ouro, com trajes de fantasia e alegorias deslumbrantes. Eram também realizados torneios de montaria, touradas e danças nas ruas ao som de instrumentos musicais como flautas, gaitas e violas. Santos (1978) observa que no Tijuco (hoje cidade mineira de Diamantina), a segunda metade do século XIX foi marcada por banquetes, bailes noturnos, teatros e concertos, entre outras práticas que marcaram o lazer dos segmentos privilegiados e beneficiados pela extração de diamantes, ouro e pedras preciosas. Nessa época, mais da metade da população do Tijuco era formada por escravos. Machado Filho (1957) esclarece que, em decorrência das transformações econômicas que o município experimentava, Diamantina vivia no final do século XIX, a euforia da "belle époque": possuía iluminação a querosene, abastecimento de água potável, calçamento nas ruas centrais. Contava também com Teatro, biblioteca pública, parque municipal, diversas bandas de música, saraus e grêmios literários.

O fenômeno da imigração nos séculos XIX e XX: Expansão da diversidade cultural

Foi principalmente no decorrer do século XIX que muitos imigrantes provenientes de diversos países do mundo, e não apenas da Europa, passaram a viver em distintos países latino-americanos, em busca de trabalho e de oportunidades de negócios no novo mundo. Vários deles foram tratados como mão-de-obra imprescindível para substituir os ex-escravos, pois, nesta época a escravatura já havia sido abolida em quase toda a América Latina. Neste contexto, muitos países tornaram-se independentes das antigas metrópoles, o que ocorreu de modo pacífico ou não. As ex-colônias seguiram seus percursos, mas, tiveram que pagar um preço alto pela ansiada liberdade e independência. Assim, os novos Estados autônomos contraíram vultosas dívidas externas desde o momento em que foram gestados. Não olvidemos que a fortuna de alguns países hegemônicos foi acumulada graças a uma ação exploratória de seres humanos e das riquezas naturais geradas nas/pelas (ex)colônias que hoje, não por mero acaso, constituem o bloco planetário dos países do "Sul", das nações empobrecidas classificadas como "terceiro mundo" e rotuladas como subdesenvolvidas e atrasadas (GOMES, 2010a).

Mesmo tendo essas características, muitos estrangeiros se interessaram em construir uma nova vida nas antigas colônias europeias. Vários imigrantes foram empregados na construção das ferrovias que se multiplicavam em vários países e também na edificação de outros empreendimentos, como, por exemplo, o canal do Panamá. Essas e outras medidas foram consideradas fundamentais para garantir o fluxo das matérias-primas produzidas nos países latino-americanos para os portos localizados em diferentes pontos estratégicos da região, de onde seguiam em direção à Europa – e, em contrapartida, para permitir a distribuição, no contexto da América Latina, dos produtos industrializados, produzidos especialmente pela Inglaterra. Os estrangeiros também passaram a trabalhar no plantio/colheita de gêneros agrícolas, assim como nas indústrias que começavam a despontar, nas primeiras décadas do século XX, nos centros latino-americanos mais urbanizados, com destaque para São Paulo e para a cidade do México, entre outros.

A vinda de estrangeiros para a América Latina também foi intensificada com as guerras processadas na Europa na 1ª metade do século XX, quando os governos de alguns países adotaram políticas de incentivo à imigração estrangeira como estratégia para atrair mão de obra qualificada. Nem sempre os estrangeiros encontravam condições dignas para se instalar nos novos países, vivendo muitas vezes sob precárias condições, tal como a maioria das populações latino-americanas. Mas a imigração foi considerada interessante para aqueles que queriam se afastar da Europa assolada por duas grandes guerras. Tudo isso colaborou para ampliar a miscigenação e a diversidade cultural na América Latina. Enquanto em alguns países os indígenas ainda representam a maioria da população (como na Bolívia, na Costa Rica e no Peru), em outros predominam os afro-descententes (Brasil, Cuba, Haiti, Jamaica, etc.) e, em outros, os descendentes de europeus são mais expressivos (como na Argentina, Chile e Uruguai). Assim, pode-se dizer que indígenas, europeus, africanos e seus descendentes, miscigenados, constituem a diversidade étnica e cultural dos povos latino-americanos. As identidades e as diversidades culturais representam, portanto, uma das principais características das realidades da América Latina, bem como das vivências de lazer desenvolvidas na região.

Foi nas primeiras décadas do século XX que a influência dos Estados Unidos tornou-se mais expressiva na região, consolidando-se gradativa e rapidamente. Isso envolveu diversos setores, mas, aqui será salientada apenas a influência norte-americana no estilo de vida que passou a ser valorizado na América

Latina desta época: o estilo de vida recreativo-educativo promovido por meio da recreação dirigida. Este movimento, que aqui será chamado de "recreacionismo", foi sistematizado nos Estados Unidos e valorizava o jogo organizado e outras atividades desenvolvidas ao ar livre, especialmente nos *playgrounds.* Instituições como a *Young Men's Christian Association* (YMCA) e o *Boy Scout Movement*, ambos originários da Inglaterra, serviram de modelo para os serviços de recreação desenvolvidos nos jardins de recreio, praças de esportes e centros de recreação que foram criados em várias cidades da América Latina (ELIZALDE, GOMES, 2010). A princípio, o recreacionismo propiciou a sistematização de conhecimentos e de metodologias de intervenção para crianças, sendo posteriormente ampliado para jovens e pessoas adultas, tendo em vista promover a prática de atividades recreativas consideradas saudáveis, higiênicas, produtivas e vinculadas à ideologia de "progresso" para pessoas de todas as idades.

As propostas de recreação institucionalizadas e apoiadas pelo poder público e por outras instituições foram vistas como imprescindíveis para promover o adequado preenchimento do tempo livre, evitando os perigos do tempo ocioso e buscando reduzir os conflitos sociais e a delinquência, condições necessárias para a manutenção da paz e da harmonia social. Estes valores foram muito enfatizados nos momentos em que predominaram as políticas autoritárias e ditatoriais que deixaram cicatrizes profundas em vários países latino-americanos, em especial na segunda metade do século XX. Nos dias de hoje, propostas recreativas com distintas finalidades continuam sendo amplamente desenvolvidas na região e, cada vez mais, são influenciadas pela indústria cultural norte-americana que, impulsionada pelo processo de globalização, invade todos os setores da vida social latino-americana (GOMES, 2003; GOMES, PINTO, 2009).

No campo conceitual os discursos sobre a recreação, geralmente, são mais elaborados do que suas práticas, pois, nem sempre as implementações concretas conseguem escapar do ativismo, de um fazer por fazer, carente dos conteúdos educativos postulados. Por certo, muitos conceitos de recreação existentes na América Latina da atualidade procuram ir além da simples prática, mas, esta forma de entendê-la é a mais difundida nesta região, o que não pode ser desconsiderado (ELIZALDE, GOMES, 2010). Destaco, também, que o principal entrave que dificulta o avanço qualitativo das produções teóricas sobre o lazer na América Latina está relacionado com a confusão conceitual que marca o uso das palavras recreação e lazer, especialmente nos países de língua espanhola, onde a palavra "*ocio*" é evitada e inclusive rechaçada por ser associada com a preguiça e com a vadiagem. Essa limitação vem sendo mencionada por vários estudiosos e ficou evidente em vários textos que compõe, por exemplo, o livro *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreacion en Latinoamérica* (GOMES, OSORIO, PINTO, ELIZALDE, 2009).

Essas e outras questões vêm sendo analisadas por estudiosos latino-americanos, que procuram intercambiar conhecimentos e experiências através da publicação de artigos e livros; trabalhos apresentados e palestras realizadas nos inúmeros eventos científicos sobre a temática da recreação e do lazer que são realizados, a cada ano, em distintos países da região. São também tema de estudo e pesquisa no âmbito dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (nível de Mestrado) existentes na América Latina: *Maestría en Teorías y Políticas de la Recreación* – Universidad de Comahue, na Argentina*; Mestrado em Lazer* – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*; Maestría Profesional en Recreación* - Universidad de Costa Rica; *Maestría en Recreación y Tiempo Libre* – Escuela Politécnica del Ejército, no Equador*; Maestría en Recreación* – Universidad YMCA, México, e *Maestría en Recreación y Administración del Tiempo Libre* – Universidad Regional Miguel Hidalgo, que também é mexicana. Alguns desses programas dão ênfase à recreação institucionalizada, vista como atividade e como um serviço a ser prestado, mas, outros procuram aprofundar conhecimentos sobre o lazer a partir de uma perspectiva mais ampliada, interdisciplinar, contextualizada e crítica, o que abre inúmeros desafios para a sistematização de conhecimentos sobre essas temáticas na América Latina atual.

O lazer na América Latina atual: Desafios e perspectivas

Por tudo o que foi exposto neste mapeamento, observa-se que o campo do lazer diz respeito a inúmeras práticas culturais que, pouco a pouco, vão sendo ressignificadas, ganhando outras características e se somando a outras possibilidades existentes nos distintos países que integram a região. O imaginário social aponta que se trabalha pouco e se festeja muito nos países latino-americanos, que supostamente abrigam uma legião de ociosos. Isso não é verdade. As estatísticas oficiais indicam a existência, em vários países da América Latina, de jornadas de trabalho semanais superiores a 44 horas, índice que pode até mesmo estar

subestimado. Muitas vezes os segmentos mais empobrecidos da população precisam complementar e ampliar o seu orçamento mensal e, para isso, enfrentam uma segunda jornada de trabalho ao se envolverem com serviços informais, temporários e precarizados. No caso das mulheres trabalhadoras, essa situação torna-se mais preocupante, pois muitas acumulam uma terceira jornada laboral, relacionada aos inevitáveis e imprescindíveis serviços domésticos.

Mas também é verdade que, na América Latina, a alegria e a festa são também muito valorizadas, constituindo uma expressiva e interessante forma de resistir e de enfrentar os profundos e graves problemas sociais que são acentuados na região. Visto por este ângulo, as inúmeras manifestações de lazer são parte integrante e indissociável das culturas latino-americanas. Vários exemplos podem ser citados: O *tango* argentino, o *samba* brasileiro e a *salsa* bailada em inúmeros países; a *capoeira* e as *batucadas*; as festas *Inti Raymi* e *Intiyaya* do Equador, a festa do *Día de los Muertos* do México; o jogo *Mapuche chueca* ou *palín*; o jogo *Zaranda* dos *Guaiqueríes* e dos *Guamonteyes* da Venezuela; as expressões artísticas populares das *Murgas* uruguaias; as *ramadas*, *mingas* e *fiestas costumbristas* do Chile; os *Juegos de calle* desenvolvidos na Colombia que levam multidões de todas as idades e classes sociais às ruas da cidade de Caldas por alguns dias – que, curiosamente, não coincidem necessariamente com o final de semana. Em todos estes países, a culinária é enigmática e, mesclada com o lazer gastronômico, permite a descoberta de inúmeros aromas, cores e sabores. Podem ser citados, ainda, os carnavais de toda a América morena e mestiça; as partidas de futebol jogadas aos domingos em inúmeros bairros populares; os encontros cotidianos entre amigos e vizinhos em praças e esquinas de favelas e pequenas vilas, buscando algo em comum... para estar em contato e para compartilhar com os outros as alegrias, as tristezas e as esperanças.

Obviamente, é impossível listar todas as práticas de lazer vivenciadas na América Latina, mas alguns exemplos foram mencionados neste texto para destacar a diversidade das culturas latino-americanas. As formas de viver o lazer vêm sendo ampliadas na região, diversificando as tradições culturais e mudando os estilos de vida nos territórios da região. Assim, a América Latina é um mosaico marcado pela diversidade em vários sentidos, e o lazer, concebido enquanto uma dimensão da cultura é parte fundamental deste processo.

Referências:

Bakhtin, Mikhail [Voloshinov] (1992). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6.ed. São Paulo: Ed. Hucitec.

De Grazia, Sebastian (1966). *Tiempo, trabajo e ocio*. Madrid, Tecnos.

Dumazedier, Joffre (1979). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo, Ed. Perspectiva.

Dussel, Enrique (2000). Europa, modernidad y eurocentrismo. En: Lander, Edgardo (Comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Disponivel em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/dussel.rtf . Accessed 03/01/2010.

Elizalde, Rodrigo; Gomes, Christianne. Ocio y recreación en América Latina: conceptos, abordajes y posibilidades de resignificación. *Revista Polis*. Santiago, Chile, N. 26, ago. 2010. Disponivel em: http://www.revistapolis.cl/polis%20final/26/art01.htm . Acesso em 04/08/2010.

Elizalde, Rodrigo (2010). Resignificación del ocio: Aportes para un aprendizaje transformacional. In: *Revista Polis.* N. 25. Universidad Bolivariana, Santiago, Chile. Disponivel em: http://www.revistapolis.cl/polis%20final/25/art25.htm . Acessado em 04/05/2010.

Galeano, Eduardo (2006). *Úselo y tírelo: El mundo visto desde una ecología latinoamericana*. Buenos Aires, Argentina, Booket.

Galeano, Eduardo (2009). *As veias abertas da América Latina*. 49. ed. São Paulo, Brasil, Ed. Paz e Terra.

Gomes, Christianne (2010a). Ocio, recreación e interculturalidad desde el "Sur" del mundo: desafíos actuales. *Revista Polis*. Santiago, Chile, N. 26, ago. 2010. Disponivel em: http://www.revistapolis.cl/polis%20final/26/art09.htm . Acesso em 04/08/2010.

Gomes, Christianne (2010b). O lazer como campo mobilizador de experiências interculturais revolucionárias e sua contribuição para uma educação transformadora. In: Dalben, Ângela; Diniz, Júlio; Leal, Leiva; Santos, Lucíola (Orgs.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo; Ensino de Educação*

Física; Ensino de Geografia; Ensino de História; Escola, Família e Comunidade. Belo Horizonte, Brasil, Autêntica Editora. p.284-310.

Gomes, Christianne (2008). *Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas*. 2. ed. Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG.

Gomes, Christianne (Org.) (2004). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte, Brasil, Autêntica Editora.

Gomes, Christianne (2003). *Significados de recreação e lazer no Brasil*: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG (Tese, Doutorado em Educação), Belo Horizonte. Disponivel em: http://www.eeffto.ufmg.br/celar/?main=biblioteca&id=4 . Acessado em 03/01/2010.

Gomes, Christianne; Elizalde, Rodrigo (2009), Trabajo, tiempo libre y ocio en la contemporaneidad: Contradicciones y desafíos. In: *Revista Polis. Nº 22*. Universidad Bolivariana, Santiago. Disponivel em: http://www.revistapolis.cl/polis%20final/22/art14.htm . Accesed 03/03/2010.

Gomes, Christianne; Pinto, Leila (2009). O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas / El ocio en Brasil: Análisis de prácticas culturales cotidianas, académicas y políticas. In: Gomes, Christianne et al (Org.), *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica.* Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG. p.67-180.

Gomes, Christianne et al (Org.) (2009). *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG.

Humboldt, Alejandro (1966). Ensayo sobre el reino de la Nueva España. México, Editorial Porrúa.

Lander, Edgardo (2000), Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntrico. En: Lander, Edgardo (comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Disponivel em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/lander1.rtf . Acessado em 01/03/2010.

Lefebvre, Henri (2008). *Espaço e Política*. Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG.

Lima Júnior, Augusto (1957). Vila Rica do Ouro Preto: Síntese histórica e descritiva. Rio de Janeiro, Brasil, Ed. do Autor.

Machado Filho, Aires M. (1957). *Arraial do Tijuco, Cidade Diamantina*. 2.ed. São Paulo, Brasil, Ed. Martins.

Martins, Marcos L. (1997). *Identidades sociais e ação coletiva*: o caso dos garimpeiros da microrregião de Diamantina. Belo Horizonte, Brasil, FAFICH/UFMG.

Medeiros, Ethel (1975). *O lazer no planejamento urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas.

Mignolo, Walter (2000), La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad. En: Lander, Edgardo (comp.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Disponivel em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/mignolo.rtf . Acessado em 01/03/2010.

Munné, Frederic (1980), *Psicosociologia del tiempo libre: Un enfoque crítico*. Trilhas, México.

Quijano, Aníbal (2000), Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En: Lander, Edgardo (comp.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Disponivel em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf . Acessado em 01/03/2010.

Reno, Philip (1965). El drama de la Guyana británica. Un pueblo desde la esclavitud a la lucha por el socialism. *Monthly Review.* Buenos Aires, n.17/18, jan/feb.

Ribeiro, Darcy (1972). *Configuraciones histórico-culturales americanas.* Montevidéu, Uruguay, Centro de Estudios Latinoamericanos.

Santos, Milton. *Por uma Geografia Nova – da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 2º edição. São Paulo: Hucitec, 1980.

Santos, Joaquim F. (1978). Memórias do Distrito Diamantino. Rio de Janeiro, Brasil, Ed. Vozes.